

## **INTRODUÇÃO À NARRATIVA CINEMATOGRAFICA (2017), DE JOÃO DE MANCELOS**

Ana M. M. Santos  
Universidade da Beira Interior/Labcom.IFP  
Portugal  
ammateuss@gmail.com

Carlos Ruíz Zafón, no romance *A Sombra do Vento* (2004), argumenta que “cada livro, cada volume que vês tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram e viveram e sonharam com ele”.

Foi essa percepção que tive ao folhear pela primeira vez *Introdução à Narrativa Cinematográfica* (2017), de João de Mancelos, percebendo que mais do que as almas do escritor e do leitor, este volume conjura os espíritos de cada livro ou filme, transportando-nos para o melhor dos dois mundos: o literário e o cinematográfico.

Amante de cinema e apaixonada por narrativas em geral, o aparecimento deste livro nas estantes das livrarias despertou em mim interesse imediato. A capa lembra uma claquete, comumente usada nas rodagens de um filme, encaminhando para o início narrativo e, ao mesmo tempo, remetendo para o espectador na sala de cinema, onde a diegese se encontra na sua plenitude, passível de ser absorvida por cineastas, cinéfilos e outros amantes da imagem em movimento.

A capa sugere ainda, unindo a parte gráfica ao título, que este volume se destina ao público em geral, e serve como introdução aos complexos meandros exigidos numa análise narrativa, transmitindo as bases necessárias para uma melhor percepção dos filmes que, nesta era da imagem, o espectador consome avidamente, ajudando-o a refletir e a adotar uma posição crítica sobre o que lhe é apresentado.

Como é referido na contracapa, o presente “livro debruça-se sobre a narrativa cinematográfica, focando aspetos como a ficcionalidade, as personagens, o espaço, o tempo, o narrador, a estrutura, a intertextualidade, a adaptação cinematográfica e os géneros”. Acrescenta ainda que “o autor propõe a todos os cinéfilos uma forma mais atenta de olhar para as histórias contadas no ecrã”.

Tal como se deduz da obra ensaística de Mancelos, da qual constam *Introdução à Escrita Criativa* (2009) (5.<sup>a</sup> ed.) e *Manual de Escrita Criativa* (2012) (2.<sup>o</sup> ed.), neste livro, a clareza no discurso é notória. Cada capítulo, rigoroso e de leitura agradável, é recheado de citações e referências que deliciam o leitor.

Ao consultar cada um dos doze capítulos, senti-me impelida a folhear e a descobrir o que cada um me reservava, nas breves páginas que elucidam cada tema. Mancelos inicia a obra com considerações respeitantes à narrativa, narratologia e ficcionalidade, sentindo a necessidade de distinguir o ato de contar histórias da ciência que as estuda, e de explicar a arte de bem mentir dentro dos graus de verosimilhança aplicados à narrativa cinematográfica.

Em seguida, afirma que “todas as narrativas, mesmo as de aventura, surgem impulsionadas pelas *personagens*”, tornando a “pessoa, animal ou figura” o pilar e motor narrativo sobre o qual se alicerça uma diegese, dentro das mais diversas áreas artísticas e académicas. Não esquecendo a importância dada a elementos como o espaço, o tempo e o narrador, fulcrais para que todo o enredo se enquadre num género e estilo, tema dos capítulos seguintes.

Uma nova secção que aglutinei, durante a minha leitura, em três capítulos, diz respeito à estrutura e às narrativas clássica e contemporânea. Qualquer estudante de cinema, e aprendiz nos campos quer da construção diegética, quer da sua interpretação, deve conhecer e dominar o paradigma de Syd Field, para que o possa seguir ou subverter se assim o desejar.

Num conhecimento profundo sobre os primórdios do cinema como meio de contar histórias, estando ciente das características que respeitam à narrativa clássica americana e aos padrões de Hollywood, achei pertinentes os três últimos capítulos dedicados à intertextualidade, à adaptação cinematográfica e aos géneros.

Ainda que a adaptação tenha sido um “casamento de conveniência”, respondendo, em minha opinião, à primeira pergunta colocada pelo autor acerca da estreita relação que une cinema e literatura, na atualidade torna-se cada vez mais um desafio transpor intersemioticamente um texto para a linguagem audiovisual. É uma

tarefa aliciante subverter, por exemplo, contos tradicionais como “Branca de Neve” ou “O Capuchinho Vermelho” (1812/15) de Jacob e Wilhelm Grimm, tão distintos em *Branca de Neve* (2000), de João César Monteiro, ou *Hard Candy* (2005), de David Slade, dois filmes deste milénio executados com mestria.

Atualmente, a panóplia de géneros puros ou híbridos oferecida pela sétima arte é extensa e diversificada, sendo possível combiná-los de forma harmoniosa ou apresentá-los com criatividade. Mancelos centra-se apenas, por se tratar de um livro introdutório, nos géneros quintessenciais de Hollywood: drama, comédia, *western* e ficção científica.

Um livro cuja contracapa afirma “escrito numa linguagem acessível e recorrendo a exemplos de grandes filmes” como *Casablanca* (1942), de Michael Curtiz, *The Godfather* (1972), de Francis Ford Coppola, ou *Manhattan* (1979) de Woody Allen, entre outros. Acrescento ainda, um volume recheado de referências bibliográficas, assinadas por pensadores incontornáveis como Aristóteles, Roland Barthes ou David Bordwell.

Sendo um ótimo manual para quem inicia a aventura pelos meandros complexos da narrativa cinematográfica, e o único em língua portuguesa, o mais recente livro de João de Mancelos constitui uma boa surpresa para os interessados pela imagem em movimento.

Mancelos, João de. *Introdução à Narrativa Cinematográfica*. Lisboa: Edições Colibri, 2017. ISBN: 978-989-689-671-3.